



RESUMO DE SEGURANÇA DE ÁFRICA

UMA PUBLICAÇÃO DO CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DE ÁFRICA

A Crescente Ameaça Terrorista na África Ocidental: A Estratégia de Confronto da AQMI no Sahel

POR MODIBO GOÏTA

- ◆ A Al Qaeda no Magreb Islâmico (AQMI) está cada vez mais bem integrada nas comunidades locais e nas redes criminosas do Sahel.
- ◆ Os esforços de combate ao terrorismo por parte dos governos do Sahel continuam a ser descoordenados e demasiado circunscritos para travar e combater a sofisticada estratégia de longo prazo seguida pela AQMI na região.
- ◆ Para prevenir a consolidação da presença da AQMI no Sahel, as políticas governamentais requerem harmonização e as forças de segurança devem empenhar-se em reduzir ao mínimo os efeitos colaterais sobre as comunidades locais.

DESTAQUES

O aumento persistente, nos últimos anos, dos sequestros, ataques, detenções e ataques bombistas perpetrados no Sahel tem agravado a preocupação de que a Al Qaeda do Magreb Islâmico (AQMI) esteja a ganhar força na África Ocidental. Com efeito, a AQMI dispõe actualmente de uma presença considerável em vastas áreas do Sahel. A ameaça terrorista, outrora considerada ténue, e cujo impacto era marginal, tem vindo a agravar-se substancialmente.

Se até agora o sequestro de turistas e funcionários de organizações não-governamentais (ONG) no Sahel revestiam geralmente um carácter oportunista,

os ataques mais recentes, pelo contrario, revelam um maior grau de sofisticação e de capacidade de recolha de informações. Os ataques de Setembro de 2010, em Arlit, no Níger, levados a cabo durante a noite por combatentes da AQMI contra as instalações da empresa multinacional francesa de energia nuclear Areva, que resultaram no sequestro de sete funcionários e membros das suas famílias, revelaram um nível superior de capacidade operacional e a recolha pela organização terrorista de “excelentes informações”, obtida do interior da própria Areva,¹ segundo consultores de segurança da empresa.

Outros ataques mais recentes também reflectem o aumento da capacidade operacional da AQMI. Poucos dias após os raptos no Níger, mas cerca de 1 200 quilómetros a ocidente, tropas da Mauritânia confrontaram-se com combatentes da AQMI e perseguiram, durante vários dias, uma caravana altamente móvel até ao norte do Mali. Semanas antes desta operação, o camião de um bombista suicida explodiu em Nema, na Mauritânia, num quartel militar, ferindo vários soldados. Sublinhe-se que este ataque foi perpetrado longe de regiões anteriormente escolhidas pela AQMI e dirigido contra um alvo situado no centro de uma cidade relativamente grande da Mauritânia. Em Janeiro de 2011, um combatente tunisino ligado à AQMI lançou uma bomba de fabrico caseiro contra a Embaixada de França em Bamako, capital do Mali. Dias depois, dois cidadãos franceses foram raptados num restaurante de Niamey, Níger. Ambos foram depois encontrados mortos, na sequência de uma tentativa falhada de resgate perto da fronteira do Mali. No princípio de Fevereiro de 2011, três suspeitos de terrorismo foram mortos e oito soldados mauritanos ficaram feridos no rebentamento de dois camiões carregados de explosivos em Nouakchott. O objectivo era o assassinio do presidente da Mauritânia.

As acções da AQMI no Sahel, anteriormente consideradas relativamente insignificantes e ocasionais, resultam de um esforço determinado de enraizamento em regiões remotas do Sahel. A AQMI está a conseguir uma integração cada vez maior nas comunidades locais do Sahel e muitos chefes da AQMI têm logrado estabelecer laços directos de cumplicidade com funcionários do governo e do sector da segurança. Mais grave ainda é o facto de grupos da AQMI estarem a desenvolver relações de cooperação com narcotraficantes, organizações criminosas e grupos rebeldes regionais, a fim de aumentar os seus recursos e fontes de financiamento. Deste modo, a AQMI tem conseguido não apenas enfrentar e resistir melhor às forças governamentais, como enfraquecer por dentro os estados do Sahel.

Na ausência de medidas mais enérgicas para travar a nova estratégia da AQMI para o Sahel, torna-se uma

possibilidade real o risco de serem instaurados possíveis santuários— “Waziristãos”—na região. A AQMI já opera numa região de várias centenas de milhares de quilómetros quadrados. O norte do Mali, em particular, está a tornar-se um reduto central da organização. A presença e os ataques da AQMI ameaçam actividades económicas vitais. O norte do Mali, outrora um destino turístico concorrido, deixou praticamente de ser visitado por estrangeiros devido ao risco de sequestro. Infelizmente, os esforços para combater grupos terroristas islâmicos na África ocidental têm sido inconsistentes, descoordenados e de curta duração. São necessários ajustamentos no sector da segurança, um maior empenhamento e o estabelecimento de parcerias internacionais para confrontar, de forma abrangente, a estratégia da AQMI, e destruir os elos cada vez mais fortes que a ligam às comunidades do Sahel.

A NOVA DIMENSÃO DA AMEAÇA TERRORISTA NO SAHEL

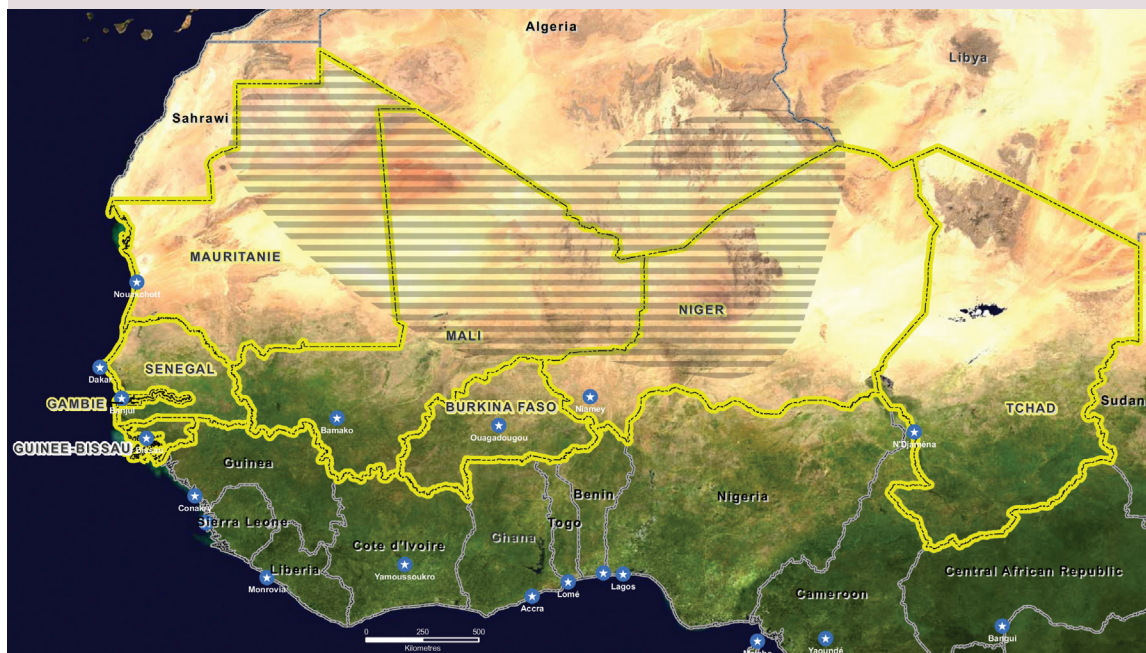
A presente dinâmica dos grupos terroristas no Sahel tem origem nas crises políticas que a Argélia atravessou ao longo da década de 1990. Entre os numerosos grupos terroristas então activos na Argélia, o Grupo Islâmico Armado (GIA) tornou-se a organização islâmica terrorista mais notória. No entanto, a violência extrema das suas acções custou-lhe o apoio popular de que inicialmente dispunha. Por fim, um ramo dissidente designado Grupo Salafista para a Pregação e o Combate (GSPC) eclipsou o seu antecessor, embora não tenha conseguido reproduzir o impacto nem a capacidade inicial do GIA. Após

**“existe a possibilidade da criação
de possíveis santuários—
‘Waziristãos’—na região saariana
do Sahel”**

os fracos progressos que foi alcançando sozinho, entre 2006 e 2007, o GSPC acabou por associar-se à Al Qaeda. Adoptou o novo nome de Al Qaeda do Magreb Islâmico e, pouco tempo depois, executou uma série de atentados bombistas de grande escala, em Argel e no norte da Argélia. Submetida no entanto a forte pressão por parte da Argélia, a AQMI

**O Dr. Modibo Goïta é professor da Alioune Blondin Beye -
Escola de Manutenção da Paz, em Bamako, Mali.**

ZONA DE INFLUÊNCIA DA AQMI



Fonte: O Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários. Modificada pelo autor.

não conseguiu manter um elevado ritmo de operações e, desde então, tem estado presente e agido sobretudo no Sahel ocidental, região maioritariamente desértica e pouco povoada que abrange desde as fronteiras da Argélia, Mauritânia, Mali, Níger até algumas áreas do Chade.

Embora grupos terroristas islâmicos actuem há vários anos na África do norte e ocidental, a sua força, poder de atracção e alcance têm geralmente sofrido variações sem nunca atingir grande expressão ou massa crítica. Registam-se contudo diferenças importantes entre a AQMI previamente constituída no Magreb e as organizações presentemente activas no Sahel. Tendencialmente, a organização anterior actuava ou estabelecia as suas bases próximo de cidades importantes, e executava esporadicamente atentados de grande dimensão. Pelo contrário, as acções actualmente perpetradas pela AQMI no Sahel são cada vez mais um misto de crimes e actos terroristas de pequena escala. Embora se tenham registado regularmente atentados em cidades importantes, a maioria dos incidentes tem ocorrido em regiões distantes dos centros governamentais (ver mapa). Desta forma, a AQMI tira partido da incapacidade dos estados do Sahel de exercer um controlo eficaz sobre o seu território periférico. Mais im-

portante é o facto de conseguir aumentar o seu poder e viabilidade a longo prazo, ao integrar-se em comunidades locais, para aprofundar raízes, alargar a sua base de sustentação e desenvolver a sua capacidade operacional.² Perante a inexistência de qualquer presença governamental significativa no Sahel, a AQMI quase não enfrenta oposição.

Esta estratégia de integração é implementada de diferentes maneiras. Os casamentos com membros da população local têm-se mostrado eficazes no estabelecimento de laços fortes com a comunidade. Mokhtar Belmokhtar, dirigente argelino da AQMI, por exemplo, casou com a filha de um dos chefes da tribo árabe Barabicha³ no norte do Mali, consolidando deste modo a sua ligação cada vez mais sólida a tribos nómadas da região que controlam rotas locais de contrabando.⁴ A AQMI também procura projectar uma imagem de potencial aliado e protector das comunidades locais. Condena frequentemente com veemência a prisão de membros da população local, bem como a morte de civis em consequência de operações das forças governamentais. Da mesma forma, a AQMI dedica um cuidado extremo a não alvejar inadvertidamente as comunidades locais e os seus interesses no Sahel.

As actividades ilegais da AQMI também geram rendimentos e oportunidades de trabalho para as comunidades e habitantes da região. A AQMI tem reinvestido o dinheiro dos resgates obtidos com sequestros na contratação de bandidos locais e rebeldes no Níger, Saara Ocidental e outros locais do Sahel.⁵ Apesar de muitas comunidades Tuareg no Sahel terem mantido distância em relação à AQMI, os porta-vozes de diversas comunidades salientam que a crescente falta de oportunidades económicas lançam pessoas “para os braços da AQMI.”⁶ Ironicamente, são os ataques terroristas de pequena escala e as actividades criminosas da AQMI que têm contribuído, em grande medida, para a deterioração da situação económica no Sahel. Antigamente, o turismo gerava uma actividade comercial significativa no Sahel, mas o número de visitantes

“ao infiltrar-se cada vez mais nas comunidades locais e na economia regional, a AQMI adquire maior capacidade para resistir aos esforços de contraterrorismo”

decaiu vertiginosamente em consequência dos raptos da AQMI. A Point Afrique, linha aérea que prestava serviços a várias cidades do Sahel, suspendeu recentemente os seus voos, isolando ainda mais a região.

O mais preocupante é porventura o facto de a AQMI estar a alargar as suas actividades geradoras de receitas para além dos sequestros destinados á cobrança de resgates. As autoridades marroquinas desmantelaram recentemente uma rede de 34 indivíduos que tentavam contrabandear 600 quilos de cocaína destinada à Europa, a partir da Argélia e da Mauritânia.⁷ Entre os detidos foram identificados membros da AQMI, incluindo indivíduos estabelecidos no norte do Mali, região que também se tornou local de armazenamento de muita da cocaína que transita pela região. O tráfico de droga gera um rendimento muito superior a outras actividades da AQMI, como os raptos.⁸ Estima-se que a AQMI tenha obtido um total de 70 milhões de dólares em resgates pagos desde 2006, enquanto que a venda na Europa dos 600 quilos de cocaína recentemente apreendidos em Marrocos teria rendido cerca de 60 milhões de dólares.

O crescente enraizamento da AQMI nas comunidades locais e na economia regional tem-lhe per-

mitido desenvolver maior capacidade de resistência aos esforços de contraterrorismo. O problema é particularmente grave no norte do Mali, zona de preparação e planeamento de operações e cenário de um número cada vez maior de confrontos com a AQMI. Muito preocupante é o facto de os chefes locais no norte do Mali sentirem que a sua influência tem diminuído. Recentemente, o conselho de chefes locais da região de Kidal, no norte do Mali, reconheceu que “os Salafistas são quem melhor controla esta área.”⁹ Em suma, a estratégia de longo prazo da AQMI no Sahel começa a dar frutos.

RESPOSTAS DESADEQUADAS

Os governos do Sahel têm tomado algumas medidas para conter a AQMI, mas não têm sido capazes de definir uma estratégia de oposição às manobras cada vez mais sofisticadas da organização e ao seu entrenchamento local. Alguns líderes do Sahel hesitam em reconhecer esta ameaça crescente. São frequentemente tomadas decisões com vista a resultados de curto prazo, sem ter em conta implicações futuras. A cooperação entre países vizinhos regista alguns progressos mas os desentendimentos e as dificuldades permanecem.

Entre os chefes de estado do Sahel, o Presidente do Mali, Amadou Toumani Touré, é quem mais tem sublinhado a verdadeira dimensão da ameaça terrorista no seu país. Por ocasião do Dia do Exército, em Janeiro de 2010, declarou que “no nosso país, os problemas da insegurança, em particular devido ao narcotráfico, ao terrorismo, e ao banditismo transfronteiriço, em toda a sua complexidade, criaram a necessidade premente de identificar as suas causas e definir estratégias para combater os seus efeitos perversos.”¹⁰ Touré afirmou mesmo que “alguns membros eleitos do governo local conhecem bem os narcotraficantes, os criminosos e até os terroristas.”¹¹

No entanto, a promessa do Presidente Touré de lançar uma “vasta ofensiva” contra a AQMI no Mali ainda não foi cabalmente cumprida. A reacção oficial aos revezes sofridos tem sido, muitas vezes, um inquietante silêncio, como no caso do sequestro e execução do funcionário de alfândega Tenente Sidi Mohamed Ag Acherif, em Agosto de 2010, pela AQMI, que recusou entregar o corpo.¹² Além disso, o governo tem libertado prisioneiros membros da AQMI em

resposta a exigências e à ameaça de execução de reféns. O aumento do número de raptos da AQMI, e a utilização de locais seguros no norte do Mali, onde mantém prisioneiros os seus reféns, têm beneficiado não só a organização terrorista mas igualmente muitos funcionários malianos que actuam frequentemente como negociadores e intermediários. Tais negociadores ficam com parte substancial dos resgates, no valor de muitos milhões de dólares.¹³ Estes factores têm complicado ainda mais os esforços do governo para fazer face a esta situação no norte do Mali.

A aquiescência a pedidos de resgate e a libertação de membros operacionais da AQMI também têm gerado tensões nas relações regionais. A Mauritânia retirou durante oito meses o seu embaixador de Bamako, após a libertação pelo Mali, no início de 2010, de quatro indivíduos de nacionalidade mauritana que eram membros operacionais da AQMI. Em Agosto de 2010, outro combatente da AQMI foi libertado no Mali após ter sido extraditado da Mauritânia. Apesar da firmeza das suas declarações, o governo do Mali parece querer, acima de tudo, evitar o confronto directo com a AQMI, e mesmo com os elementos estrangeiros da organização no interior do seu território.¹⁴

Ao mesmo tempo que os esforços contraterroristas do Mali pecam por incoerência, a Mauritânia tem, por seu lado, reagido à ameaça com operações demasiado precipitadas, que redundam em erros operacionais e na morte de vítimas civis, situações vantajosas para a AQMI em ambos os casos. Em Julho de 2010, uma operação conjunta de Forças Especiais da Mauritânia e de França, visando libertar um cidadão francês sequestrado no norte do Mali, identificou incorrectamente o campo militar onde este se encontrava detido. Embora seis membros da AQMI tenham sido mortos durante a operação, esta foi considerada um fracasso e a AQMI viria a anunciar mais tarde através da televisão a execução do refém em retaliação pelo ataque.

A reacção brutal das forças da segurança da Mauritânia tem, por outro lado, exposto o país a outros aspectos da estratégia da AQMI. Durante uma operação mauritana, em Setembro de 2010, foram mortos quatro civis, incluindo uma jovem rapariga, num ataque da força aérea a uma caravana da AQMI no norte do Mali. Combates nas proximidades do local envolvendo tropas da Mauritânia causaram a

morte e a dispersão de gado pertencente às comunidades locais,¹⁵ gerando a hostilidade e a condenação de dirigentes locais malianos. A AQMI divulgou um comunicado a condenar a Mauritânia por alvejar “muçulmanos inocentes e indefesos”, apresentando “condolências às famílias dos mortos . . . e a todas as tribos Berebeche e aos orgulhosos Tuareg de Azouad” e prometendo “proteger a nossa nação.”¹⁶ A propaganda da AQMI serviu-se assim das vítimas civis dos ataques da Mauritânia para alienar ainda mais as comunidades locais do Sahel dos seus governos nacionais.

Apesar de no passado o governo do Mali ter autorizado a Mauritânia a realizar operações no seu território, “o direito de perseguição” continua a ser pouco claro e não é uniforme entre os estados do Sahel. A Argélia opõe-se ao direito de perseguição transfronteiras. A Mauritânia tem-no exercido sem

“A propaganda da AQMI serviu-se das vítimas civis dos ataques da Mauritânia para alienar ainda mais as comunidades locais do Sahel dos seus governos nacionais”

informar os países vizinhos, e o Mali mantém uma posição ambígua sobre a questão. A AQMI explora esta falta de clareza, levando a cabo operações em regiões fronteiriças, orquestrando e planeando ataques num país e refugiando-se em seguida noutra zona de jurisdição.

Por seu lado, a Argélia tentou liderar os esforços regionais com vista à harmonização das estratégias de contraterrorismo no Sahel. É o país anfitrião do Centro Africano de Estudos e Investigação sobre o Terrorismo e, mais recentemente, estabeleceu um centro conjunto de recolha de informações na sua capital, Argel, bem como um quartel-general comum, no sul do país, em conjunto com a Mauritânia, Níger e Mali. A Argélia é porém muito menos receptiva a apoios externos vindos de fora do continente, que encara como um possível pretexto da parte de potências estrangeiras para o estabelecimento de bases militares.

Tais reservas da Argélia quanto a ajudas externas têm, no entanto, limitado o afluxo de recursos que

poderiam melhorar a vigilância das vastas áreas do Sahel usadas como santuário pela AQMI. A carência de recursos impede, por outro lado, os governos de adotarem uma estratégia mais abrangente de oposição à AQMI no Sahel. Como afirmou o Presidente Touré do Mali, não basta concentrar os esforços exclusivamente na segurança. A par da coordenação de estratégias militares e da recolha de informações, os parceiros regionais devem empenhar-se em melhorar a qualidade do desenvolvimento na região.¹⁷

DESENVOLVER CONTRAMEDIDAS ABRANGENTES

Qualquer acção contra a estratégia da AQMI no Sahel exige uma série de ajustamentos de curto e longo alcance em toda a região.

Os diversos governos do Sahel devem reforçar a coordenação das suas medidas de contraterrorismo, que padecem actualmente de falta de coerência. Em concreto, é prioritário harmonizar as políticas respeitantes ao direito de perseguição e à negociação de reféns. A instauração de uma política regional bem definida que regulamente o direito de perseguição irá debilitar a capacidade da AQMI para explorar as zonas de fronteira, para daí retirar vantagens operacionais. Esta necessidade não implica a liberalização total do direito de perseguição, mas a criação de mecanismos institucionais e funcionais que permitam alertar os serviços de segurança de países vizinhos sobre ataques ou movimentações da AQMI. O patrulhamento conjunto de fronteiras também contribuirá para reforçar o nível de coordenação e familiarizar os serviços de segurança com as manobras transfronteiriças da AQMI.

Deve cessar, de imediato, o pagamento de resgates para a libertação de reféns. Tais pagamentos violam a resolução 1904 do Conselho de Segurança das Nações Unidas e são contrários à decisão de “condenação veemente” de tais práticas, tomada em Julho de 2010 pela assembleia da União Africana (UA). Os governos do Sahel devem negar-se a facilitar negociações sobre resgates e, pelo contrário, investigar e punir os funcionários que nelas intervenham. Além disso, os estados do Sahel devem harmonizar as sanções por crimes relacionados com o terrorismo, contribuindo desta forma para reforçar a confiança mútua e acelerar o processo de extradição.

Perante o alargamento da esfera de operações da AQMI, e a sua crescente ousadia, as reformas nos sectores da segurança assumem uma importância crucial. Como se verifica na Mauritânia e no norte do Mali, os governos continuam a utilizar meios militares convencionais para combater pequenas unidades de elevada mobilidade da AQMI. Tais respostas, mal definidas e precipitadas, têm causado vítimas civis ou permitido a fuga de combatentes da AQMI para além fronteiras. São respostas igualmente desadequadas ao terrorismo de pequena escala e aos actos criminosos habitualmente praticados pela AQMI. Os governos do Sahel devem constituir unidades mais pequenas e mais ágeis, capazes de reagir rapidamente aos ataques da AQMI, bem como alvejar grupos da AQMI com maior precisão, por forma a evitar a morte de civis e danos colaterais. Mais treino e equipamento melhorariam o desempenho das forças de segurança, mas o primeiro passo para desenvolver capacidades reside na reestruturação das diversas unidades já existentes, adaptando as suas doutrinas de uso da força.

Os governos do Sahel também devem recolher informações e investigar o envolvimento da AQMI nas actividades de contrabando e nos sequestros, mobilizando para o efeito a cooperação de forças policiais. O envolvimento de operações fiáveis de natureza policial neste combate, com métodos de reforço da confiança, contribuiria também para aprofundar os laços do sector com as comunidades locais, ao reconhecer a relutância destas últimas em cooperar com o governo. As unidades militares não são por norma competentes no domínio da criação de laços com a comunidade.

Os governos devem utilizar de forma mais eficaz a recolha de informações, a vigilância e os sistemas de transporte e comunicações já existentes, e proceder a melhoramentos de acordo com as necessidades. Existe informação credível sobre ataques iminentes, que por vezes não é bem divulgada ou relativamente à qual se actua incorrecta ou tardiamente. O aproveitamento atempado de tais informações reforçará a capacidade de resposta aos ataques da AQMI, limitando a sua capacidade de atravessar fronteiras e de travar ou abrandar o ritmo da perseguição.

Os governos devem prevenir a infiltração dos grupos terroristas nas populações locais, concebendo e implementando programas dirigidos para as

necessidades básicas das comunidades. Todas as iniciativas tendentes a melhorar a segurança alimentar e o acesso a água potável, os cuidados de saúde, a educação e os níveis de emprego, particularmente dos jovens, constituem incentivos para que as populações resistam à integração da AQMI na região. Os esforços para travar e inverter o decréscimo do número de turistas na região do Sahel serão provavelmente os mais bem aceites por comunidades que tradicionalmente desconfiam das intervenções do governo. Os governos devem procurar reforçar a confiança dos estrangeiros que desejam visitar as regiões remotas do Sahel, identificando cidades e mercados que podem ser visitados em segurança, criando mecanismos de alerta para os viajantes sobre qualquer alteração em termos de segurança, e garantindo aos turistas o acesso rápido às instâncias governamentais sempre que necessário. O apoio às empresas de transportes terrestres e aéreos que ligam as grandes cidades às localidades mais distantes também facilitará o turismo e estimulará outras formas de comércio e interacção. Este tipo de assistência deve favorecer o mais possível a economia local do Sahel, bem como desenvolver mercados e bazares frequentados, tanto pelos turistas como pelas comunidades locais.

A corrupção é outro dos problemas graves que inibe o bom desempenho dos governos no Sahel, incluindo o seu combate ao terrorismo. Uma auditoria recentemente divulgada pelo governo do Mali revelou, por exemplo, que em 2009 foram mal geridos ou indevidamente atribuídos fundos do governo destinados ao desenvolvimento rural, segurança alimentar e da

“os governos [do Sahel] continuam a utilizar meios militares convencionais para combater pequenas unidades de elevada mobilidade da AQMI”

água e transferências para autoridades subnacionais, bem como outras despesas públicas, num montante recorde de 224 milhões de dólares.¹⁸ A auditoria não nomeia militares, nem o Ministério da Defesa, nem o Ministério da Segurança Interna e da Protecção Civil, apesar de existirem relatórios segundo os quais oficiais

do exército venderam armas e equipamento a grupos terroristas, incluindo a AQMI.¹⁹ A afectação de fundos do governo—tanto os destinados a iniciativas de desenvolvimento como a melhoramentos do sector da segurança—deve ser completamente transparente e responsável, de forma a evitar os desvios e a má gestão. A transparência e a prestação pública de contas contribuem igualmente para reforçar a credibilidade dos governos, bem como a sua fiabilidade e o seu impacto. Com efeito, apesar de a auditoria do Mali ter revelado níveis graves de má gestão, o simples facto de ter sido realizada e de os seus resultados terem sido tornados públicos foi um passo importante que outros governos no Sahel deveriam seguir.

Os parceiros internacionais no exterior do Sahel também podem contribuir para conter a ameaça crescente da AQMI. A Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental e a UA poderiam fornecer a estrutura e a liderança necessárias para coordenar políticas e institucionalizar a partilha de informação e a cooperação judicial transfronteiriça. Os Estados Unidos, a União Europeia e outros países doadores poderiam oferecer ajuda, meios de comunicação e formação destinados à reestruturação e melhoramento das forças de segurança e do nível de vida na região do Sahel. A cooperação com governos estrangeiros também é fundamental no combate às actividades criminosas da AQMI, como o aumento do tráfico de narcóticos destinados à Europa e o sequestro sobretudo de turistas estrangeiros, funcionários de ONG e trabalhadores de empresas multinacionais. Segundo os relatórios divulgados, muitos dos resgates pagos à AQMI são oriundos de governos europeus, incluindo montantes num total de pelo menos 12 milhões de euros pagos por Espanha, Alemanha e Suíça nos anos de 2009 e 2010.²⁰ Assim, se é verdade que os países do Sahel devem assumir a liderança no combate à AQMI, também é um facto que a estreita coordenação de esforços com outros governos africanos e não africanos é um elemento crucial para a compreensão da estratégia da AQMI no Sahel e o combate à mesma.

CONCLUSÃO

Embora não haja dúvida de que a AQMI mantém a ambição de levar a cabo operações no norte de África, a designação que adoptou já não descreve de forma adequada a sua estratégia actual. A designação

Al Qaeda do Sahel Islâmico seria um nome mais correcto, considerando a sua ligação cada vez mais estreita com as comunidades desta região e a sua presença crescente no seio das mesmas. Os governos do Sahel devem reconhecer esta realidade e colaborar entre si de forma mais eficaz, a fim de evitar que a organização se infiltre ainda mais na região. É necessário proceder a ajustamentos e melhoramentos no sector de segurança para prevenir ataques e dismantelar os grupos de combatentes da AQMI e as suas bases. Em paralelo, os governos devem proteger os meios de subsistência da população e criar oportunidades económicas para cavar o fosso que já existe entre as comunidades indígenas do Sahel e os grupos terroristas Salafistas, um fosso que a AQMI procura activamente colmatar. Destruir as raízes que a AQMI está a aprofundar no Sahel é a única forma de travar e pôr termo à ameaça crescente que este grupo constitui para a região.

NOTAS

¹ “Al-Qaeda Warns France Not to Attempt Hostage Rescue, Site Says,” RFI, 23 de Setembro de 2010.

² Lamine Chikhi, “AQIM Gets Help from Mali Officials—ex-Rebel,” Reuters, 12 de Agosto de 2010.

³ “Comment j’ai négocié avec Belmokhtar pour libérer les otages,” *L’Indépendant*, 1 de Setembro de 2010.

⁴ “Algelia Upset by French Push on al-Qaida,” UPI, 5 de Outubro de 2010.

⁵ “Kidnappings in Niger and Possible French Responses,” Stratfor, 16 de Setembro de 2010. “Insecurity Forces Aid Workers from Niger Regions,” Reuters, 17 de Agosto de 2010. “Kidnapper of Spanish Hostages Says It Was Just for Business,” *Agence France-Presse*, 24 de Agosto de 2010.

⁶ Stephanie Plasse, “Tuareg and AQIM: The unlikely jihadist bedmates,” *Afrik News*, 8 de Novembro de 2010.

⁷ Aida Alami, “Morocco Battles Al Qaeda in the Islamic Maghreb,” *Global Post*, 2 de Novembro de 2010.

⁸ Mawassi Lahcen, “Kidnapping, Drug Trafficking Dominate AQIM Activities,” *Magharebia*, 8 de Dezembro de 2010.

⁹ Adama Diarra, “Tessalit: Comment les Deux Soldats Ont Retrouvé la Liberté,” *L’Essor*, 20 de Agosto de 2010.

¹⁰ “Message du président Touré à l’occasion de la Fête de l’armée: Rappel des Acquis, Appel à la Mobilisation Contre les Nouvelles Menaces,” *L’Essor*, 21 de Janeiro de 2010.

¹¹ “ATT à propos de la lutte contre le terrorisme : ‘Certains maires connaissent bien les trafiquants de drogue,’” *L’Indépendant*, 15 de Abril de 2010.

¹² Diarra.

¹³ “Spain Paid Ransom to Free Hostages Held by Al Qaeda North Africa,” *North Africa Journal*, 24 de Agosto de 2010.

¹⁴ “Affrontements entre l’armée mauritanienne et AQIM dans la région de Tombouctou,” *L’Indépendant*, 24 de Setembro de 2010.

¹⁵ “Mali: Civilians Have Disappeared After the Fighting,” *Ennahar Online*, 19 de Setembro de 2010, acessível em <www.ennaharonline.com/en/international/4735.html>.

¹⁶ “Mauritania v AQIM in Mali: Summary of a report on part of the weekend raid,” *The Moor Next Door*, Setembro de 2010, acessível em <<http://themoornextdoor.wordpress.com/2010/09/20/mauritania-v-aqim-in-mali-summary-of-a-report-on-part-of-the-weekend-raid/>>.

¹⁷ Patrick Johnson and René Dassié, “Algeria Snubs France in Sahel Counterterrorism Initiative,” *Afrik News*, 28 de Setembro de 2010.

¹⁸ “Mali Report Claims CFA 112 billion lost to mismanagement in 2009,” *African Press Agency*, 4 de Agosto de 2010.

¹⁹ Chikhi.

²⁰ Michael Petrou, “Source: Germany and Switzerland Paid Ransom for Kidnapped Canadian Diplomats,” *Macleans*, 29 de Abril de 2009. Ver também: “Spain Paid Ransom to Free Hostages Held by Al Qaeda North Africa.”

CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DE ÁFRICA

Director: Embaixador (reformado)
William M. Bellamy
National Defense University
300 Fifth Avenue, Building 21
Fort McNair
Washington, DC 20319-5066
Telefone: + 1 202 685-7300
Website: www.africacenter.org

ESCRITÓRIO REGIONAL DO CENTRO DE ÁFRICA EM DAKAR

Gerente Regional:
Elisabeth Feleke
Telefone: 221 33 869 61 00
Email: FelekeE@ndu.edu

ESCRITÓRIO REGIONAL DO CENTRO DE ÁFRICA EM ADIS ABEBA

Gerente Regional:
Brad Anderson
Telefone: 251 11 517 4000
Email: AndersonBG@state.gov

RESUMOS DE SEGURANÇA DE ÁFRICA

Editor: Dr. Joseph Siegle
Telefone: + 1 202 685-6808
Email: SiegleJ@ndu.edu

O Centro de Estudos Estratégicos de África apoia o desenvolvimento de políticas estratégicas dos EUA que visam a África, oferecendo programas académicos de alta qualidade e relevantes, fomentando a consciencialização e o diálogo sobre as prioridades estratégicas dos EUA e assuntos relacionados com segurança em África, criando redes de líderes militares e civis africanos, americanos, europeus e internacionais, assistindo as autoridades dos EUA na formulação de políticas eficazes para África e articulando as perspectivas africanas a autoridades dos EUA.



O Resumo de Segurança de África apresenta pesquisa e análise de especialistas do CEEA e eruditos, com o objectivo de avançar a compreensão das questões de segurança Africanas. As opiniões, conclusões e recomendações expressas ou implícitas são dos contribuintes e não refletem necessariamente a opinião do Departamento de Defesa dos Estados Unidos ou qualquer outro órgão do Governo Federal. Para mais informações sobre o CEEA, visite o Web site <http://www.africacenter.org>.

AFRICA CENTER FOR STRATEGIC STUDIES



<http://www.africacenter.org>

